

O BANDEIRANTE:

Análise da atuação do movimento integralista na cidade de Caxias do Sul na década de 30

Davi Augusto Melatti¹

RESUMO:

A década de 1930 foi marcada pelo apogeu do fascismo no mundo, especialmente na Europa, embora também tenha se difundido para outros continentes, adaptando-se à realidade de cada país e dando origem a diversas vertentes com ideias semelhantes. No Brasil, a principal expressão do fascismo, moldada à realidade nacional, foi o integralismo, que, por meio da Ação Integralista Brasileira (AIB), encontrou um terreno fértil para suas ideias, especialmente nas classes médias urbanas. Um exemplo disso é a cidade de Caxias do Sul, a maior cidade da Serra Gaúcha, com uma forte presença de imigração italiana e de diversas vanguardas político-ideológicas europeias. Este contexto a tornou um local propício para o surgimento de movimentos inspirados no fascismo italiano. O principal meio de propagação das ideias integralistas foram os periódicos, que, na época, constituíam a principal fonte de informação. Nesses periódicos, as ideias e as propostas de organização do Estado eram amplamente expostas e defendidas de forma incisiva. A partir dessas publicações, será realizada a análise da breve atuação política da AIB na Serra Gaúcha.

Palavras-chave: imprensa; integralismo; Serra Gaúcha.

¹Acadêmico do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul(UCS). Artigo desenvolvido para a disciplina de Seminários Temáticos em História.

BASES TEÓRICO-IDEOLÓGICAS INTEGRALISTAS

O integralismo foi um dos movimentos político-ideológicos de maior destaque no Brasil durante a década de 1930. Criado por Plínio Salgado em 7 de outubro de 1932, sob o nome de **Ação Integralista Brasileira (AIB)**, o movimento possuía grande influência do fascismo italiano. Surgiu das crises política, econômica e social do conturbado período entre guerras, quando o liberalismo econômico estava em xeque. Tanto os movimentos de esquerda, como o socialismo e o comunismo, quanto os de direita, como o fascismo, objetivavam encontrar respostas para os problemas oriundos do liberalismo.

Eric Hobsbawm nos dá uma precisa síntese dos fatores político-sociais da época que levaram a ascensão de movimentos e regimes de extrema direita, como se verifica no trecho:

“O medo da revolução social e do papel dos comunistas nela, era bastante real[...], mas nos vinte anos de enfraquecimento do liberalismo nem um único regime que pudesse ser chamado de liberal-democrático pela esquerda. O perigo vinha exclusivamente da direita. E essa direita representava não apenas uma ameaça ao governo constitucional e representativo, mas uma ameaça ideológica a civilização liberal como tal” (HOBSBAWM, 1991, p.116)

Embora agissem de maneira análoga, os diversos fascismos possuíam características próprias, que se adaptam à realidade social e política de cada país em que atuavam. O movimento integralista, apesar de não ter chegado ao poder, teve grande impacto na época em que esteve ativo, sendo extinto em 1937, quando Getúlio Vargas proclamou um autogolpe, instaurando o Estado Novo e banindo todos os partidos políticos.

Foi um movimento que mobilizou grandes parcelas da sociedade civil, aproveitando-se do descontentamento geral da população com a conjuntura política, social e econômica do Brasil. Chegou a reunir mais de 1 milhão de adeptos. A **Ação Integralista Brasileira (AIB)**, como era chamado o partido integralista, estabeleceu uma gigantesca rede de jornais e revistas, que serviam de vitrine para as ideias e doutrinas de seus idealizadores. Esse movimento foi considerado o primeiro a utilizar a imprensa de maneira político-ideológica, tópico que será abordado mais adiante.

A principal linha ideológica do partido era representada por uma conjunção entre o antiliberalismo, o anticomunismo e o nacionalismo. O movimento era marcado pela ideia de revitalização nacional, que se daria por meio do abandono das velhas políticas, como a democracia liberal, e pela exaltação de um nacionalismo agressivo. Também defendia uma organização corporativa da economia, fundamentada na colaboração de classes organizadas

por meio de corporações de ofício, além da valorização do catolicismo como religião oficial do Estado. Segundo Christofolletti:

“O lema da Ação Integralista Brasileira era Deus, Pátria e Família e suas proposições políticas assentavam-se em três pontos: a promoção, por meio de intensa propaganda, da elevação moral e cívica da população brasileira; a condenação da noção liberal de representação, substituída pela figura do chefe; e a implantação no Brasil do Estado Integral, meta política da AIB, concebido como um poder único e fortemente centralizado. ” (CHRISTOFOLLETTI, 2021, p.25)

Os teóricos do integralismo, como Plínio Salgado (1937), pregavam a realização de uma "revolução cultural", defendendo uma obra sistemática de educação individual capaz de elevar as virtudes morais e cívicas do povo. O Estado seria o grande supervisor dessa revolução, concretizando o ideal integralista, sobrepondo-se às classes sociais, políticas e econômicas, e agindo como o espírito da nação, um mediador entre os interesses dos diversos grupos sociais.

A calorosa defesa dos integralistas por uma idoneidade moral e ética, embasada na figura da família tradicional, na defesa dos valores cristãos e em uma ferrenha oposição ao comunismo ateu — encarado como ameaça à unidade nacional e ao bem-estar da nação —, juntamente com a crítica aos outros partidos políticos, fez com que o movimento ganhasse força, principalmente entre as populações de regiões mais conservadoras, tradicionalistas e com uma classe média em expansão, cansada da "velha política" da República. O principal alvo da crítica era direcionado aos regionalismos políticos e às oligarquias estaduais. Essa ideia do regionalismo político e de seus representantes no Congresso, como causadora dos maiores males do país, está presente na maioria dos escritos integralistas, como, por exemplo:

“A luta hegemônica entre os grandes estados é o maior factor da desordem nacional. Admira como esses mesmos homens, que outras coisas não fazem que socar a pólvora que explode de 4 em 4 anos, subvertendo toda a ordem nacional, admira que todos esses homens que fazem a “política dos estados”, geradora de lutas fratricidas em que se derrama periodicamente o sangue da mocidade, açulando os ressentimentos regionaes sejam signatários de um projecto de lei de segurança nacional” (SALGADO, 1937, p.37)

Para os integralistas, a nação só estaria realmente segura quando deixasse de ser comandada por políticos regionalistas, com sentimentos separatistas, incapazes de evitar uma revolução. Os teóricos do integralismo propunham criar uma "ordem sentimental" de solidariedade nacional, em contraposição ao Estado liberal-democrático ou socialdemocrata, como se verifica no trecho: "Que tem feito o Estado liberal nesse sentido? Nada,

absolutamente nada; pelo contrário, tem desvirtuado o patriotismo brasileiro, tem acirrado antipatias entre regiões, tem tornado funcional um congresso onde há bancadas de todos os estados, menos a bancada do Brasil."(SALGADO, 1937, p.43)

Seguindo nessa linha, os integralistas associavam também esses elementos, considerados apátridas, aos causadores das mazelas econômicas do país. Fazendo uso de um discurso antissemita, típico dos fascismos, afirmavam que a elite brasileira estava à mercê de orientações de uma ordem "judaica internacional", como se verifica no trecho:

"Se a lavoura, as indústrias, o commercio estão à mercê de uma orientação que, em vez de ser brasileira, é inglesa, americana, francesa e, o que é pior, judaica internacional, como podem essas forças abafadas, asphyxiadas ,atender a grita, por sua vez justa, do proletariado?"(SALGADO, 1937, p. 46)

Para os integralistas, o comunismo era o produto da desordem e da anarquia social instaurada no Brasil através dos desmandos da democracia liberal e do Estado socialdemocrata, e só poderia ser combatido pelos integralistas, para se evitar a subversão da "ordem nacional".

Figura 1: “O Brasil precisa de você! Fora do integralismo não há nacionalismo”



Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/acao-integralista-brasileira-21872884>

Além da oposição ferrenha aos regionalismos e a defesa da centralização do poder em um “chefe nacional” apoiado pela providência, os teóricos do integralismo também se opunham ao pluripartidarismo, considerando os partidos políticos o principal fator da instabilidade política brasileira, como afirma Salgado:

“A ordem política só será possível quando não houver mais partidos estaduais que disputem hegemonias; quando o Brasil não estiver mais dividido em 150 partidos políticos cuja única função é fomentar distúrbios,

brigas em secções livres, subornar jornais, fazer ataques pessoais, tolerar companheiros mãos, fraudar eleições, intrigar, mexer, distrair a atenção do povo brasileiro de seus problemas para as charadazinhas desses campanários tão nocivos a saúde do país. ” (SALGADO, 1937, p.48)

Mesmo antes da fundação do Partido Integralista em 1932, Plínio Salgado já utilizava a imprensa para a difusão de suas ideias, com o jornal *A Razão*. O jornal foi uma base fundamental para a criação das condições necessárias à organização militante dos futuros adeptos do movimento integralista. Com a criação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), surgiria o manifesto integralista de 1932, consagrando a fundação oficial do integralismo como movimento político-partidário. A primeira reunião do partido ocorreu exatamente na sede do jornal *A Razão*, tamanho foi o papel da imprensa como fator de sustentação da ideologia integralista. (OLIVEIRA, 2009)

Nas páginas do jornal *A Razão*, Plínio Salgado já delineava sua concepção de Estado e os inimigos a serem combatidos. No texto publicado no periódico, "A verdadeira concepção de Estado", Salgado esboça sua versão idealizada do que seria o "estado ideal" para a sociedade ocidental, conforme se verifica no trecho:

“Do ponto de vista mundial, temos que nos convencer que o Estado Moderno e conveniente a todos os povos é o que possa exercer a sua ação na maior ordem possível. É o que discipline e oriente as forças vivas da nacionalidade. É o que possa exercer seguro controle sobre as relações entre o Capital e o Trabalho. É o que se apoiar numa política expressiva da grande conciliação de classes. É o que exprime através de poderes que se originam diretamente nas grandes fontes da energia material da Nação. É o Estado como força suprema interveniente nos rumos e finalidades sociais. O Estado que, garantindo a propriedade e a iniciativa privada, saiba demarcar os limites do exercício das liberdades individuais, segundo os interesses gerais e nacionais. ” (OLIVEIRA, 2009, p.145, apud SALGADO, 1931, p.1)

INTEGRALISMO E A IMPRENSA

O trabalho do jornalismo e da imprensa na propagação das ideias integralistas era de tamanha importância que, a cada fundação de um núcleo partidário da AIB, em menos de 40 dias, era fundado um jornal de militância integralista no mesmo local. O número de jornais em circulação era diretamente proporcional ao número de núcleos, tendo seu principal raio de publicação desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, mas com foco principalmente nas regiões Sul e Sudeste, havendo uma distinção clara entre jornais de circulação nacional, estadual e municipal. Cada cidade possuía um determinado número de agremiações do Partido Integralista, que podia abranger não apenas uma região específica, mas também outros distritos e até mesmo outras cidades de menor porte. Dentro dessa lógica, os núcleos

integralistas nos maiores centros urbanos serviam como pontos difusores de periódicos e revistas para outros locais, criando uma rede de "abastecimento" de cartilhas integralistas para os militantes, articulando a imprensa integralista nacional, provincial e, por fim, regional. (OLIVEIRA, 2009)

O jornal *A Razão* não teve sequer um ano de publicação, mas foi fundamental para a arregimentação da ideologia integralista, por meio da coluna "Nova Política", principal palco de divulgação das ideias de Plínio Salgado. Nessa coluna, Salgado já estabelecia as principais diretrizes do novo movimento: a aversão ao liberalismo, à democracia liberal e ao pluripartidarismo, ao marxismo, aos regionalismos, e uma ferrenha defesa de um nacionalismo e centralismo político na figura de um "chefe nacional". Salgado afirmava que os jornais estavam perdendo o seu caráter doutrinário de outrora, de formação política e ideológica dos leitores, e se convertendo em uma mera mercadoria, completamente sujeita aos interesses do capital, visando apenas o lucro e não a formação de ideias. Os "novos" periódicos, segundo ele, estariam a serviço do liberalismo, representado por determinados grupos subalternos ao capitalismo estrangeiro. (OLIVEIRA, 2009)

Para Salgado, o povo brasileiro seria um "povo criança", não estando preparado para a imprensa informativa, verdadeiramente ideológica e orientadora da opinião pública, devido à ignorância da população e à dificuldade de acesso à informação, em função da precariedade da imprensa e dos periódicos. O objetivo verdadeiro da imprensa, segundo ele, não seria o lucro, mas sim a doutrinação da população em determinados valores sociais, culturais e econômicos. (OLIVEIRA, 2009)

A imprensa teria o papel de formadora e fomentadora de um sentimento de união e de uma concepção de identidade nacional, estabelecendo os fundamentos da teoria e, a partir disso, doutrinando e organizando a população por meio da ideologia integralista. A missão da imprensa seria formar militantes, delinear as crenças do partido e estabelecer uma base ideológica para a doutrina. (OLIVEIRA, 2009)

A importância delegada à imprensa pelos teóricos camisas-verdes era fator central da sustentação do movimento. Não apenas a imprensa, mas toda a ação jornalística possuía um papel ímpar, não apenas na propaganda político partidário, mas na própria formação de uma classe jornalística dedicada aos serviços da doutrina integralista, garantindo a participação da imprensa como elemento integrante da direção do estado e a defesa dos interesses da classe

jornalística por meio de corporações de ofício associadas com o governo. Não apenas os conhecimentos técnicos do jornalista eram levados em conta, mas também seu conhecimento histórico e social, sendo fundamentais para a tarefa “pedagógica”, de consolidação da doutrina e dos ideais do “sigma”. (LEAL, 2006)

Para os integralistas, o método de consenso era muito mais eficiente do que a coesão. Ou seja, a divulgação das ideias centrais do movimento por meio de inúmeros periódicos seria muito mais eficaz do que o uso da força bruta. Essa necessidade de atrair “corações e mentes” para as colunas da militância integralista, por meio da persuasão, recaía completamente sobre os periódicos, um dos principais pilares de sustentação do partido. A visão do partido sobre o papel da imprensa seria definitivamente estabelecida no *Manifesto Programa* de 1936, cartilha de divulgação das propostas integralistas para o Brasil, caso o movimento ganhasse as eleições de 1937. Nesse documento, a imprensa era vista como formadora de uma consciência nacional, orientadora do pensamento integralista, com a mesma função que desempenhava dentro do movimento: a de doutrinar, dominar pela persuasão e consenso, silenciar opositores e garantir a centralidade e padronização ideológica de seus militantes. (LEAL, 2006)

IMPRENSA INTEGRALISTA EM CAXIAS DO SUL:

A cidade de Caxias do Sul, maior cidade da chamada “região colonial italiana”, sempre fora um polo jornalístico. A maior parte dos jornais que circulavam na Serra Gaúcha proviam da cidade de Caxias do Sul, dos 16 periódicos existentes, 12 circulavam na cidade. Devido a importância estratégica do município, como principal centro industrial e comercial da região, transformou o município no principal palco de embates entre os movimentos que representavam as principais correntes políticas da época. A cidade foi fundada por imigrantes italianos, no final do século XIX, e mesmo décadas depois uma significativa parcela da população ainda era italiana de origem e se identificava como tal, mantendo os costumes, a língua, as tradições e o modo de vida do país de origem, não se considerando brasileiros. (GIRON, 2017)

A formação política era determinada pelo local de origem dos imigrantes, influenciada intrinsecamente pelas convicções políticas trazidas da Itália. Os colonos mantiveram esse costume político até o final da segunda guerra mundial. Os embates políticos ocorriam

principalmente no meio urbano, a zona rural permanecia segregada ao segundo plano, devido ao isolamento de seus habitantes e o eventual abandono das comunidades rurais.

Caxias, sendo o município de maior circulação de pessoas e ideias da região, figuravam os mais diversos partidos e movimentos políticos. Dentre os principais movimentos, se destacava o fascismo, ancorado na grande presença de imigrantes italianos na região e a ligação que estes ainda possuíam com sua pátria de origem, e com as diretrizes políticas vindas de lá. Mesmo que a maior parte da população não fosse politicamente adepta as ideias nacionalistas brasileiras, mantinham uma mentalidade religiosa e conservadora. Esse conservadorismo da população local, principalmente agricultores, das classes médias e da elite industrial, criou terreno fértil para o surgimento de movimentos semelhantes ao fascismo. A ideia de um partido que prezasse pelos valores conservadores, de defesa de um catolicismo político, de negação ao comunismo e do liberalismo, semelhante ao já conhecido fascismo italiano, mas que fosse nacional, capaz de despertar nos imigrantes italianos a vontade de defender a nova pátria que os acolhera, era ideal para o contexto político da região. (GIRON, 2017)

Foi no sentido de tentar emplacar uma ideologia nacionalista no centro da maior cidade da região colonial italiana, que se fez presente a Ação Integralista Brasileira em Caxias do Sul, um movimento semelhante ao fascismo italiano, mas adaptado, moldado ao contexto brasileiro, com o objetivo de aproximar os imigrantes de sua nova pátria, incorporando-os nas legiões de defensores da doutrina integralista. (PISTORELLO, 2003)

O integralismo penetrou principalmente nas camadas médias urbanas, profissionais liberais e membros do funcionalismo público, envolvendo caixeiros, contadores, funcionários de bancos e profissionais especializados. O apoio do arcebispo e dos padres capuchinhos a AIB, foi determinante para a associação das classes médias caxienses às fileiras do partido. Diferentemente do Partido Nacional Fascista, fortemente presente na cidade, o olhar dos filhos e netos de italianos membros da ação integralista era para a imagem da pátria brasileira, a nostalgia da velha pátria italiana era algo ultrapassado, distante e reacionário, diferentemente da maioria dos líderes políticos da comunidade, esses jovens integralistas vinham na ação militante a possibilidade de ascensão política e eventual tomada de poder regional. (GIRON, 1994)

O núcleo da AIB em Caxias do Sul, foi fundado no ano de 1934, onde se localizava na sede da Associação dos Empregados no Comércio da Cidade, sendo a maioria de seus

militantes constituídos por jovens de classe média, a maioria profissionais liberais, que não provinham nem da elite e nem do operariado. A AIB, veio para preencher o vácuo de poder existente entre os dois principais partidos políticos do município, o PRL do governador Flores da Cunha, e a Frente Única de Getúlio Vargas, se assumindo como uma alternativa para os partidos da “velha política”. (PISTORELLO, 2003)

Na região colonial italiana a linha editorial se dividia em entre jornais políticos, humorísticos e informacionais. Dos 17 jornais que circulavam na região, 11 deles apresentavam linha editorial política, 4 eram humorísticos, e apenas dois não a apresentavam. Dentre os 11 jornais com inclinações políticas declaradas, dois declaravam-se fascistas, 6 eram nacionalistas favoráveis ao governo Vargas, 1 era municipalista, 1 comunista e apenas 1 integralista. (GIRON; POZENATO, 2007)

O único jornal de cunho integralista que circulava na cidade de Caxias do Sul, e na região colonial italiana como um todo, era o “O Bandeirante”. O jornal, pertencia a Rede Sigma de Jornais Reunidos. Essa rede era o órgão oficial da imprensa integralista, que abrangia o Brasil inteiro, responsável pela confecção, distribuição, articulação dos jornais, além da fiscalização de textos e publicações integralistas em outros periódicos, que não adotavam o integralismo como doutrina oficial, mas tinham simpatia pela ideologia. A existência de apenas 1 jornal integralista em Caxias do Sul e na região colonial italiana inteira, era determinada pela política da distribuição dos periódicos, sendo na razão de 1 jornal para 10 núcleos do partido, em outras palavras, apenas um único jornal já era suficiente para abastecer os vários núcleos de uma cidade do porte de, por exemplo, Caxias do Sul, devido a vários outros jornais da região disponibilizarem espaço para colunistas integralistas em suas páginas, devido a afinidade ideológica de seus proprietários com o movimento. (OLIVEIRA, 2009)

IMPrensa X Doutrina Integralista nas Páginas do “O Bandeirante”

O periódico “O bandeirante” foi fundado em 26/10/1935, na cidade de Caxias do Sul, sendo um jornal destinado aos núcleos integralistas da cidade, fazendo parte da rede “Sigma de Jornais Reunidos”. Durou mais de dois anos até 18/12/1937, quando do golpe de 37 e do estabelecimento da ditadura do Estado Novo, por Getúlio Vargas, que acarretou no banimento de todos os periódicos de linha política, permanecendo apenas aqueles alinhados ao governo. O jornal era dirigido por Humberto Bassanesi e Ibanez Lisboa.

Figura 2- “O BANDEIRANTE” título do único jornal integralista de Caxias do Sul.



Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=35368&p=0>

Humberto Bassanesi, foi vereador de Caxias do Sul de 1935 a 1937, pelo AIB, posteriormente com o banimento dos partidos políticos e o fechamento do jornal o qual dirigia, ingressou na metalúrgica Abramo Erbre onde chegou ao posto de Presidente do Conselho Administrativo. Reeleito vereador, agora pelo PRP, Partido da Representação Popular, sucessor direto da Ação Integralista Brasileira, foi um dos fundadores do Jornal “O Pioneiro” e também membro da Comissão Executiva do Monumento ao Imigrante. Foi dirigente do Jornal Pioneiro em 1975, além de ter sido parte da comissão da Festa da Uva ao longo de várias edições. (DOS REIS, 1980)

O jornal “O Bandeirante” se localizava na Rua Sinimbú, número 1562, e seus redatores o denominavam como “Jornal nacionalista e independente”. A primeira página da edição número 43, de 15/05/1937, se inicia com um incisivo manifesto ao povo caxiense, no qual se inicia com a chamada “Os homens somos nós” de autoria do integralista Luiz A. Campagnoni, de auto exaltação da virtude e da bravura integralista, como se verifica no trecho:

“Certa vez em acalorada discussão sobre a doutrina integralista, um cênico no futuro de nossa pátria, para terminar com a contenda, desfechou a seguinte e incisiva pergunta a um moço universitário integralista, que recém voltava das trincheiras da revolução de 82:

—“Mas, para pôr em prática a vossa doutrina os vossos projetos, onde estão os homens?”

E o universitário, sem titubear, levantando o rosto calcinado pela vida irregular das trincheiras, batendo com o punho fechado sobre o peito amplo e com convicção de um idealista berrou aos ouvidos de seu interlocutor: “Os homens somos nós!!!” (CAMPAGNONI, 1937, p.1)

A menção de uma cena hiperbólica, em que a doutrina era posta em prova, era recorrente na literatura integralista, servindo para mostrar um exemplo de fidelidade e exaltação da própria convicção ideológica dos militantes com seus ideais e com a “missão” a

qual estavam imbuídos de realizar. A ideia dos “moços” integralistas, como paladinos da nova esperança do povo, encarando-se como heróis, não apenas como anunciadores de um novo regime político, mas como estabelecedores de um novo ideal imbuído de um gigantesco apelo sentimental, se verifica no trecho da mesma coluna: “Nós representamos muito mais que a implementação de um regime político. O povo vê em nós o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia na vida, desta e das futuras gerações.” (Campagnoni, 1937, p.1)

Além de manifestos e exaltação dos valores do “homem integralista”, estavam presentes nas páginas do jornal colunas as quais tratavam dos mais variados assuntos. Desde organização dos partidários integralistas na câmara municipal de Caxias do Sul, análises e críticas a respeito da economia e das contas do município, da atuação dos sindicatos e círculos operários ligados ao integralismo, comentários acerca das produções literárias e cinematográficas do momento, além de comentários esportivos, dentre outros assuntos que se faziam presentes nas páginas do periódico. Na coluna intitulada “Aguardando os acontecimentos”, escrita por José de Marchi, fica evidente o caráter anticomunista do movimento, e como os integralistas consideravam o regime liberal democrática como um catalisador de revoluções socialistas por ser incapaz de solucionar os problemas sociais, como se verifica no trecho:

“É inútil os agitadores soviéticos fazerem propaganda do seu regimen do terror, esse regime em que o homem não passa de uma máquina sob o controle e o poder do estado[...]. Si a liberal democracia não é capaz de solucionar a questão social e dá margem a que estrangeiros sem pátria explorem a revolta dos nossos trabalhadores, nós temos certeza de que saberemos remediar essa situação.” (DE MARCHI, 24/07/1937, p.4)

Os comunistas residentes em território nacional, eram encarados pelos integralistas como agentes a serviço de forças estrangeiras subversivas à ordem e à segurança nacional. Dentro da lógica integralista, existiam duas vertentes opostas, a do “sertão”, ou seja, dos brasileiros patriotas, simples, honestos, trabalhadores, defensores dos valores nacionais (no caso, integralistas) e a do litoral, representada por aqueles elementos subservientes, cosmopolitas, do capitalismo internacional e do comunismo apátrida. (Cruz, 2012). Muitas vezes, o comunismo e o liberalismo eram incluídos no mesmo escopo de “inimigos” do povo, sempre à espreita, agindo em conluio, para destruir todos os valores morais do povo brasileiro. Diante dessa ameaça, os integralistas se apresentavam como os “salvadores da pátria”, os únicos capazes de dismantelar o estado liberal democrática e impedir o avanço do comunismo. (Cruz, 2012)

No que tange a ação operária, na edição do jornal de 26 de outubro de 1935, foi redigida uma coluna em comemoração à eleição da nova diretoria do Círculo Operário de Caxias do Sul, idealizado e criado pelo Reverendo Padre Leopoldo Bretano, deixa evidente a concepção integralista de organização dos trabalhadores e dos conflitos de classes, presente no seguinte trecho:

“Embora a nossa admiração pelos Círculos Operários, somos daqueles que acreditam que nunca poderão obter reais vantagens no regime atual, pois o patrão tem liberdade de fazer o que entende, ou seja, poderá pagar bem e poderá pagar mal. Pelo contrário, no integralismo, a justiça social será perfeita, enquadrando-se na notável encíclica do Papa Leão XIII-Rerum Novarum, com o estabelecimento de condições higiênicas, salário mínimo e familiar,etc”(O BANDEIRANTE, 26/10/1935)

O trecho deixa claro o modo que os integralistas encaravam os movimentos operários e a própria luta de classes. A principal base para a doutrina integralista, era a Doutrina Social da Igreja Católica, estabelecida por meio da encíclica Rerum Novarum, do Papa Leão XIII, escrito no final do século XIX, em um dos períodos mais vorazes do capitalismo, com a quase total inexistência de direitos trabalhistas, concomitantemente ao crescimento de movimentos socialistas e do acirramento da luta de classes. Já nas primeiras páginas do documento, é determinada a principal linha ideológica da igreja diante da miséria e da pobreza dos operários. Na encíclica é reiterado a necessidade de auxiliar os homens das classes inferiores, culpando o capitalismo liberal como principal causador da miséria que imperava na sociedade, por meio do dismantelamento das antigas corporações de ofício medievais, afirmando que os princípios religiosos haviam desaparecidos das instituições públicas e privadas, deixando os trabalhadores entregues a cobiça de patrões desumanos e de uma concorrência desenfreada e injusta, além da concentração de todo o lucro nas mãos de poucos indivíduos. (LEÃO, 1891)

Apesar de se oporem veementemente ao capitalismo liberal, a Igreja Católica condenava também a luta de classes e o socialismo. Para o Papa, o socialismo, ao invés de apresentar uma solução para os conflitos de classe, acabaria prejudicando ainda mais o operário, pois violaria os direitos legítimos dos proprietários subvertendo as funções do estado, tirando dos operários a livre disposição de seu salário, roubando-os toda a possibilidade de aumentarem seu patrimônio e com isso melhorar suas condições de vida. (LEÃO, 1891)

A adesão dos teóricos do integralismo à doutrina social da Igreja Católica, evidencia o caráter intrinsecamente religioso do movimento, que ressaltava a ligação entre o estado e o catolicismo romano, como imprescindível e indissociável, promovendo um “catolicismo

político”. A doutrina social da igreja romana era misturada com um ufanismo nacionalista, carregado de provocações sentimentais e dá um aspecto quase que místico sobre a concepção da nacionalidade brasileira.

Constatando a importância do catolicismo para o movimento integralista, por ela prover os alicerces da doutrina e ainda mais por seus integrantes serem majoritariamente católicos conservadores, os redatores e membros da imprensa do movimento frisavam constantemente a relação inseparável entre o catolicismo político e o integralismo, como se verifica na edição de 24/07/1937 do jornal “O Bandeirante”, na coluna intitulada “Integralismo e Catolicismo”: “Iniciando a publicação dessas opiniões, queremos mostrar aos católicos, que o integralismo não é ,como muitos pensam um movimento anticristão, mas sim um movimento que nada fere aos princípios da igreja.”(O BANDEIRANTE, 24/07/1937,p.3).O texto segue trazendo falas de bispos das várias regiões do Brasil, para ressaltar o apoio que a igreja dispunha a AIB, como se verifica no trecho:

“Disse o sr.Tristão de Ataíde: ‘Se há realmente vocação política, confesso que não vejo outro partido que possa, como a Ação Integralista Brasileira, satisfazer tão completamente as exigências de uma consciência católica, que se tenha libertado dos preceitos liberais.

Palavras de D. Francisco bispo de Campinas: ‘No momento gravíssimo que atravessamos, o integralismo é uma força viva em defesa dos fundamentos morais da pátria brasileira” (O BANDEIRANTE, 24/07/1937, p.3)

Além disso, a Igreja Católica almejava conquistar o poder político perdido com a constituição republicana de 1891, que estabeleceu a laicidade do estado. Com a incerteza e a instabilidade dos rumos políticos do país, após a revolução de 30, e desmantelamento da “República Velha”, a Igreja Católica viu nisso a possibilidade de reconquistar a influência política de outrora e direcionar a ação do estado em sintonia com as aspirações da elite eclesial católica. Essa estratégia foi formulada e executada pelo Arcebispo do Rio de Janeiro na época, Sebastião Leme de Silveira Cita. (Willians,1974). Esse apoio massivo da igreja ao integralismo se deu em função de sua defesa de uma revolução espiritualismo através dos dogmas cristãos, enveredado por uma repulsa ao materialismo (leia-se liberalismo e socialismo) e ao ateísmo presentes nos discursos de autores como Plínio Salgado e Miguel Reale. Sobre a “revolução espiritual” podemos inferir que:

“Essa revolução almejava organizar uma sociedade corporativista, autoritária e radical, baseada nos princípios do cristianismo. Essa concepção cristã e um forte discurso religioso fez do integralismo uma organização política, não apenas favorecida pela Igreja Católica, mas também por outros grupos religiosos. A

importância que outros movimentos católicos deram ao integralismo deve ser ressaltada, especialmente através de seu lema ‘Deus, nação e família’, visto como peça central do cristianismo brasileiro”(GONÇALVES;NETO, 2016, p.7)(tradução nossa)¹

O conceito de “Revolução espiritual” remonta a uma das primeiras obras de Plínio Salgado, denominada “*A quarta humanidade- Politeísmo, Monoteísmo-Ateísmo-Integralismo*”. No livro, Salgado sugere que ao longo da história, a humanidade teria produzido três tipos de sociedade. Primeiro, viria a sociedade politeísta, nos grandes impérios da antiguidade, seguida pelo monoteísmo, com o advento do cristianismo, e a terceira sendo o ateísmo, pós iluminismo e revolução francesa. Para Salgado, uma “quarta sociedade” deveria ser erigida, a sociedade integralista, por meio de uma revolução espiritual que implementasse um modelo de estado corporativista, enterrando o materialismo da terceira sociedade e com isso restaurando o cristianismo como centro da humanidade. (GONÇALVES; NETO, 2016)

No manifesto ao povo caxiense, na mesma edição do jornal o Bandeirante, de outubro de 1935, presente em destaque no quadrante superior da página, está presente a declaração que sintetiza o olhar dos teóricos integralistas sobre a eleição municipal de Caxias do Sul, no trecho que diz: “Não apresentamos nome para prefeito, pois que si fosse eleito seria tragado da política liberal que nos infelicitá”

Figura 3: Afiveladores Integralistas-Fabricado pela Grande Fabrica Metalúrgica ABRAMO EBERLE



¹ This revolution wanted to organize a corporatist,authoritarian, and radical society, based on the principles of Christianity. This Christianity conception and a strong religious discourse made Integralism a political organization favored not only by the Catholic Church but also by other religious groups. The importance that other Catholic movements gave to Integralism must be highlighted, especially regarding the trilogy God, Nation and Family, viewed as the centerpiece of Christian faith in Brazil.

Além de enunciados defendendo o boicote ao jogo político no município de Caxias do Sul, ou da “política liberal” como denominavam os integralistas, eram comuns colunas em que os redatores integralistas destinavam para rebater ataques ou confrontar outros periódicos de outras vertentes políticas e ideológicas, como é o caso do jornal “O Momento”, de cunho nacionalista, mas com uma postura pró-Getúlio Vargas e pró trabalhismo brasileiro. Esse embate se verifica no trecho:

“Numa notícia intitulada “Em defesa da democracia”, assim escreve a gente do Momento...Realizou-se no Teatro Central um ‘grande’(o grifo é nosso) comício em defesa da democracia ameaçada pelo estrangeirismo, representado no Brasil pelo integralismo e pelo comunismo”(O BANDEIRANTE, 31/07/1937, p.2)

Na mesma coluna, também citando uma fala dos redatores do jornal “O Momento” sobre o integralismo, segue-se o embate:

“Depois, em um artigo intitulado: ‘Fazendo política...e nada mais’ assim se expressam: ‘Ninguém néga[...], aos jovens fogosos patriotas, que por certo tanto quanto nós amamos a grandeza da pátria comum, o direito de fazer sua política quando e quando bem entenderem” (O BANDEIRANTE, 31/07/1937, p.2)

A partir disso é traçada uma crítica, acusando o respectivo jornal varguista da hipocrisia a respeito da opinião sobre os integralistas, afirmando:

“Ora, ou nós somos estrangeiristas truculentos, canalhas, compressores, ou somos jovens e fogosos patriotas, que tanto quanto vos amam, a pátria comum. O cochilo foi grande, não acham? Saiba porem, o rabiscador da notícia contra o Integralismo, que nós já possuímos 17 mártires tombados em plena rua, defendendo a honra e a dignidade do Brasil contra a agressão comunista e que brasileiros tombados até hoje na luta contra o comunismo, foram somente os pertencentes a AIB e ao Exército Nacional”(O BANDEIRANTE, 31/07/1937, p.2)

Esse embate entre ambos os jornais nacionalistas, um pró governo Getúlio Vargas, e outro Integralista, mostra a divisão interna dentro dos próprios movimentos de semelhança fascista. No caso do integralismo, a objeção ao governo Vargas partia da oposição ao positivismo varguista, considerado, pelos integralistas, como ateu e tirânico.

Além dos embates com outros jornais de vertentes ideológicas distintas, nas páginas dos jornais da AIB, era comum a crítica a imprensa tradicional como um todo. Na coluna “Comentando”, presente na edição número 53 do “O Bandeirante”, fica evidente essa repulsa dos camisas-verdes a forma de organização dos “diários associados”, encabeçado pelo Diário de Notícias de Porto Alegre, a qual denominavam pejorativamente como “diários assalariados”. Acusavam o jornal de ser um mero folhetim panfletário, não com a função de

informar, mas apenas de gerar lucros, transformando a imprensa em um grande “balcão de negócios”, associando essa condição ao capitalismo liberal e ao socialismo soviético, como se verifica no trecho:

“É por causa do profundo ideal monetário que inspira os assalariados, que eles se tem colocado sempre contra os interesses do povo brasileiro. Em suas colunas tem sido feita sistemática, sistemática e dissimuladamente a defesa do capitalismo internacional, que escraviza o Brasil e demais povos da América do Sul e também a propaganda sutil ao comunismo internacional, que pretende transformar o Brasil em uma feitoria de Stalin” (O BANDEIRANTE, 24/07/1937, p.4)

Outrossim, a visão dos teóricos integralistas acerca dos sindicatos e dos movimentos operários, que atuavam em Caxias do Sul, está presente em vários trechos do periódico, evidenciando a perspectiva de organização sindical a partir da colaboração de elementos pertencentes à mesma profissão ou classe. Para os integralistas, os sindicatos seriam os locais de entendimento e mediação das desavenças entre os trabalhadores, como se verifica no trecho:

"O Sindicato é a casa dos trabalhadores e o baluarte da sua defesa e das suas reivindicações. Deve sempre reinar a harmonia entre todos os seus componentes de uma mesma profissão e os trabalhadores em geral, sendo os sindicatos os pontos de reunião onde todos se conhecem e se tornam amigos." (O BANDEIRANTE, 1937, p.4)

Distintamente do fascismo italiano, que baseava a organização social em um corporativismo de classes — ou seja, separando e distinguindo os grupos pelo critério classista —, na concepção integralista, os indivíduos seriam englobados em diferentes corporações de ofício, independentemente da classe social à qual pertencessem.

Essa visão do sindicato como um elemento de conciliação de interesses entre os diferentes setores de um mesmo ofício, apesar de ressaltar a importância da defesa dos direitos dos trabalhadores, se opõe completamente à ideia de luta de classes do marxismo, o que evidencia o caráter ambíguo do integralismo. Enquanto os integralistas defendiam os direitos dos trabalhadores, renunciando à "democracia liberal", distanciava também a organização sindical do socialismo e se opunham a qualquer tipo de revolução que viesse alterar a configuração do direito à propriedade privada, considerado pelos integralistas como absoluto. Essa ideia de reunir tanto o patrão quanto o proletário em um mesmo grupo, teoricamente em posição de igualdade, afastava completamente qualquer possibilidade de luta de classes ou de revolução social, pois submetia todos os integrantes de um mesmo ramo de ofício aos mandos do “estado integral”. (O BANDEIRANTE, 1937)

Na concepção integralista, os direitos dos trabalhadores deveriam ser assegurados dentro das associações de ofício, em conluio com o Estado e o chefe nacional. Entretanto, a propriedade privada deveria permanecer inalterada, com a burguesia associada e sujeita aos interesses do "estado integral", mas mantendo o domínio sobre os meios de produção.

A função do sindicato, seria a de “reconhecer o direito do trabalhador e proclamar o dever do trabalho”, visando, segundo o que consta no artigo “Sindicalismo e justiça social”, a independência do trabalhador, economicamente livre e desnecessário de assistência. O estado não ficaria somente encarregado de legislar sobre jornadas de trabalho e outras garantias básicas que, segundo os integralistas, eram oferecidas pela “hipocrisia burguesa” como forma de “falsa caridade”, mas também deveria abranger todos os aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais e morais da classe trabalhadora. O sindicato seria organizado a partir de 7 pontos descritos no artigo, em que consta:

“a) Transformar os sindicatos em órgãos de direito público, um para cada ofício, profissão e indústria, conforme as circunstâncias locais, conferindo-lhes o direito de representar a categoria, inclusive os não sindicalizados;

b) assentar sobre bases sindicais corporativas, como já foi dito, a estrutura do estado novo;

c) ampliar as funções as funções sindicais, que deverão ser de natureza econômica, política, cultural e moral, e, portanto, com interferência direta e indireta no governo do município, da província e da nação;

d) subordinar os contratos individuais de trabalho as normas estabelecidas pelas convenções coletivas de trabalho;

e) garantir ao trabalhador uma retribuição proporcional a sua contribuição pessoal, ao lucro auferido pelo empregador, as necessidades da empresa e da economia e as condições indispensáveis ao seu aperfeiçoamento material e espiritual;

f) interessar material e moralmente os trabalhadores pelo destino da produção;

g) facilitar aos trabalhadores do campo e das cidades a aquisição da propriedade familiar, generalizando o bem da família pela criação de públicas entidades de cooperativa e construção; ” (O BANDEIRANTE, 24/07/1937, p.4)

Imagem 4: Sindicalismo e Justiça Social. Como o integralismo em seu manifesto-programa focalizou essas importantes questões modernas.



Disponível em: <https://memoria.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid/Pasta/SubPastas/15>

A doutrina social da AIB destoava do fascismo italiano, por não se enquadrar como “revolucionária”, mas sim tradicionalista e reacionária, indo de encontro ao chamado “estatismo orgânico”. Esse molde de estatismo conservador, tinha por objetivo, não defender a ordem tradicional, mas sim recriar seus princípios como uma forma de resistir ao individualismo liberal e ao socialismo comunista. Essa concepção político-ideológica, era baseada na nostalgia de um passado mitificado, como afirma Hobsbawm:

“Por trás disso havia uma nostalgia ideológica da Idade Média ou sociedade Feudal, em que se reconhecia a existência de classes ou grupos econômicos, mas a terrível perspectiva da luta de classes era mantida à distância pela aceitação voluntária de uma hierarquia social, pelo reconhecimento de que cada grupo social, ou “estamento” tinha seu papel a desempenhar numa sociedade orgânica composta por todos e deveria ser reconhecido como uma entidade coletiva” (HOBBSAWM, 1991, p.117)

No caso brasileiro, essa mitificação do passado, foi embasada no conceito de “democracia racial”, que remete aos primórdios da colonização portuguesa no Brasil, representando o encontro entre as três raças formadoras do povo brasileiro, excluindo qualquer menção aos conflitos ocorridos nessa ocasião. Para Plínio Salgado, o encontro entre os colonizadores portugueses e os indígenas Tupi, havia sido totalmente cordial, com a total ausência de violência, a relação entre ambos os povos haveria de se desenvolver de maneira totalmente harmônica.(CRUZ, 2012).Essa visão idílica do passado colonial brasileiro, ia totalmente ao encontro do ideal integralista de criar uma “memória nacional ” única, embasada em um conceito de cooperação e relação pacífica e amigável entre os principais povos que constituíram a nacionalidade brasileira, mesmo que totalmente artificial e fabricada. (CRUZ, 2012)

Outrossim, a completa remoção dos aspectos negativos da colonização brasileira, não se limitava apenas às relações ditas “cordiais” entre os indígenas e os europeus, mas também na exaltação de figuras controversas da história, como os bandeirantes paulistas, exaltando sua importância na expansão territorial do Brasil, mas isentando-os pela matança e

escravização de milhares de povos indígenas. No jornal “O Bandeirante”, de 15 de maio de 1937, é dedicada uma coluna para explicar o porquê da escolha do novo do periódico, fazendo alusão aos bandeirantes paulistas, como no trecho:

“É, pois, aos bandeirantes paulistas que devemos a grandeza da expansão geográfica da nossa pátria; a eles deve também a Europa, pela riqueza imensa, fruto de seus esforços, que daqui levaram Reis e Padres, reforçando assim, os cabadaes de seus tesouros Portugal, Hespanha, França, Inglaterra, Holanda e o próprio Vaticano” (O BANDEIRANTE, 1937, p.4)

Ao longo das páginas do jornal, também se evidencia a opinião que os teóricos integralistas possuíam acerca da revolução de 30, os quais acreditavam ter sido a última experiência liberal democrática que realmente parecia ser benéfica para o país, mas que, segundo eles, fracassou, pois, acabaram por repetir os mesmos erros e manter a “velha política” anterior a revolução, como se verifica no trecho:

“A revolução de 30 foi a última experiência liberal-democrática no Brasil. A nação toda levantou-se em armas. O coração dos patriotas encheu-se de esperanças, parecia que afinal o Brasil estava salvo.

Depois, dia a dia, principiaram-se as decepções. Os processos políticos tornaram-se os mesmos. Que diferença há entre a política liberal-democrata de hoje e a de antes de 1930? Não é a mesma confusão, não são os mesmos homens, não é a mesma campanha de intrigas e mentiras através da imprensa? ” (O BANDEIRANTE, 24/07/1937, p.1)

Além dos tópicos de política e economia, o periódico também abordava assuntos futebolísticos, principalmente das disputas do futebol local. As novidades esportivas eram noticiadas na secessão “O Bandeirante Esportivo”, na qual era noticiado, no jornal do dia 24/7/1937, a fundação da “Liga esportiva de amadores”, a qual contava com clubes da cidade como Aymoré, Juvenil, Guarani e Sigma, o último sendo fundado pelo próprio núcleo integralista do município, como se verifica no trecho:

“Reunidos os clubes Aymoré, Juvenil, Guarani e Sigma, na sala de redação do ‘O Bandeirante’, foi fundada a liga esportiva de Amadores. Iniciando suas atividades no domingo, a LEA, no domingo proximo, no campo do ‘CAXIAS’, fará a disputa a primeira da melhor das tres entre os valorosos quadros do Aymoré e Sigma, os quais se acham bastante treinados e contam com elementos de valor” (O BANDEIRANTE, 24/07/1937, p.2)

O futebol, além de um desporto e de um entretenimento, era encarado pelos camisas-verdes, como ferramenta de doutrinação ideológica, utilizando o cenário de uma partida de futebol como analogia ao desenrolar dos acontecimentos políticos da época. Como se verifica em trechos do jornal ,que narram uma partida fictícia entre dois times , os camisas

verdes, no caso, os membros do partido integralista, comandados por um técnico identificado como “gordo”, no caso uma referência a Plínio Salgado, e o outro time representado por apenas um homem utilizando uma faixa verde e amarela, comandado por um técnico identificado apenas como “magro”, referenciando aos políticos aliados do governo federal ou mesmo a própria figura de Getúlio Vargas, uma clara analogia ao cenário político da eleição de 1937 e do eventual Golpe do Estado Novo, onde se verifica uma crítica ao autoritarismo e a arbitrariedade do governo federal, representado aqui pelo “magro”, no trecho:

“Mas com o magro não tem conversa não. Manda a polícia tirar o adversário do campo e mesmo sem guardião na goleira, atira a bola às redes. Um zero ou dois a zero não tem importância. De qualquer modo é vitória (Torno a dizer: essas coincidências são simples coincidências).

Mas o homem gordo é uma incógnita. Quando falam com ele continua sorrindo, aguentando o jogo, enigmático. E quem é capaz de decifrar um enigma em forma de gente?” (O BANDEIRANTE, 18/12/1937, p.3)

O “homem gordo” citado no trecho, pode se referir a tanto os militantes da AIB, quando também a própria figura de Plínio Salgado, que continuavam “aguentando o jogo” no caso o jogo político, mesmo estando em ampla desvantagem. Novamente fica presente a ideia de uma evocação de uma postura de intransigência no imaginário da doutrina integralista, que se mantinha “firme” e “sorridente” mesmo diante das perseguições. Essa ideia de sacrifício, ou mesmo de martírio, representado tanto pela morte de algum militante, mas também pelo iminente fracasso dos principais objetivos políticos do movimento, é elemento presente na maioria dos movimentos extremistas de direita, no caso do integralismo, não foge à regra.

Essa crítica velada ao regime do Estado Novo, instaurado apenas 1 mês antes da edição do “O Bandeirante”, por meio de metáforas se utilizando do futebol, é feita de maneira a burlar a censura do governo federal, o qual havia a pouco tempo determinado o banimento dos partidos políticos e instituído uma extensiva campanha de fechamento de jornais e periódicos contrários ao novo regime. Essa condição se evidencia, pois na mesma edição do jornal, os redatores elogiam a decisão do governo de banir todos os partidos políticos, afirmando que o Integralismo era apenas um movimento cultural visando a transformação do país, e não um partido, tendo sido obrigado pelas condições impostas pela “democracia liberal” a se registrarem uma sigla política para poder concorrerem as eleições.

CONCLUSÃO:

Os integralistas foram os pioneiros a fazerem uso da imprensa como instrumento de doutrinação ideológica e propaganda político-partidário, para firmar o integralismo. Para isso

fizeram uso de uma lógica dialética como antítese tanto do comunismo como do liberalismo, defendendo uma “renovação nacional” por meio do reacionarismo político e moral, ligado a uma doutrina social ditada pelos preceitos cristãos (católicos).

O jornal foi fechado no dia 18/12/1937, tendo apenas dois anos de circulação no município de Caxias do Sul. Mesmo com pouco tempo de circulação, teve um impacto significativo na imprensa regional, pois foi a partir dele que muitos dos indivíduos que posteriormente iriam engatar uma longa carreira política no município e participarem da fundação de principal jornal da cidade, O Pioneiro, como é o caso de Humberto Bassani, obtiveram espaço para expor e delinear suas ideias e visões da política regional e nacional da época e deixaram marcas permanentes na política regional, moldando o pensamento de seus leitores e o panorama política da região como um todo.

REFERÊNCIAS:

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Enciclopédia do Integralismo: o dogma do sigma. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2021.

CRUZ, Natalia Reis. History, memory and power. The Brazilian Integralist Action and the mystified reconstruction of past and present. São Leopoldo, In: História Unisinos, Vol 16 Nº2, maio/agosto, 2012: 181-192.

CAXIAS DO SUL, Câmara Municipal. Assunto: nome de rua. Indicação nº137/80, Ver. Evilazio M. Reis, 02 de junho de 1980.

Encíclica Rerum Novarum, do sumo pontífice Papa Leão XVIII, sobre a condição dos operários, 15 de maio de 1891, In: Portal PUC-Campinas, 2016, disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/NFC-Carta-Enciclica-rerum-novarum.pdf>

GIRON, Loraine Slomp. As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: ParLenda, 1994.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. Brazilian Integralism and the Corporatist Intellectual Triad. Portuguese Studies. Vol 32, No, Authoritarian States and Corporativism in Portugal and Brazil (2016), pp.225-243(9 pages). Published By: Modern Humanities Research Association

HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991; tradução: Marcos Santarrita, revisão técnica Maria Célia Paoli-2ª ed-São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEAL, Carine de Souza. **IMPrensa INTEGRALISTA (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidário de um movimento fascista no Brasil dos anos 30.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tese (Monografia para a conclusão em Comunicação Social), Porto Alegre, p.115, 2006.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937). 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SALGADO, Plínio. A doutrina do sigma. 2ª edição. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 28 de janeiro de 1937.

POZENATO, Kenia. GIRON, Loraine. 100 anos de imprensa regional 1897-1997. educs, 1ª ed, Caxias do Sul, 2007.

PISTORELLO, Daniela. Os homens somos nós: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2003. p. 1-6.

WILLIAMS, Margaret Todaro. Integralism and the Brazilian Catholic Church. In: Hispanic American Historical Review, Volume 54, number 3, HAHR, august, 1974; 431-452.